

Buenos-Aires, 9 de fevereiro de 1933

Prezado amigo Cabellito

Acuso em meu poder sua carta de 31 do mês p. p. Sem mais preambulos, respondo aos diversos tópicos da missiva.

Quanto aos negocios de que me falou em Montevidéu e que "devem ficar esclarecidos uma vez por todas", eu estou mais em condições de pedir, do que de dar esclarecimentos. Com efeito, combinaramos um codigo de emergencia, para comunicar-lhe se precisavamos ainda dos dolares e do material de que me falara. Chegando, porém, aqui, verifiquei ser tudo uma fantasia: nem o J. Neves tinha encomendado coisa alguma, nem o poderia ter feito, a não ser que estivesse delifante, por uma razão muito simples - não havia, como não há, dinheiro. É preciso que isto fique esclarecido de uma vez por todas afim de evitar interpretações malévolas. A unica quantia de que dispunhamos, eram os 380 contos devolvidos pelo A. L. Dessa importancia já muito pouco resta, pois com a viagem do Lusardo e os auxilios mandados aos deportados de Lisboa se foram quasi 150 contos. Emissarios e despesas com emigrados sem recursos proprios, consumiram boa parte do saldo. Como vê, mánguem que estivesse no seu juízo poderia ter pensado nas avultadas transações de que V. me falou em Montevidéu. E assim foi que, não podendo dizer nem que mantinhamos, nem que desistiamos do negocio que por nós (isto é João Neves) nunca fôra autorizado, não lhe pude dar a combinada resposta. Estes são os fatos. A explicação eu a ignoro e não sei se V. atinará com ela. Devo acrescentar que ninguem me procurou aqui, talvez pela razão de eu não me ter hospedado no Nogaró.

A historia da maquina i mpressora, eu tambem estava inteiramente estranho. Dela tive conhecimento em Montevidéu. Depois, á viáta de não ter bastado a importancia primitivamente destinada ao efeito e dada a precaria situação financeira, que estamos tratando de melhorar, e mais, ainda, a necessidade de instalar uma direção autorizada em Rivera, para corrigir certas anomalias de que V. mesmo se queixa, ficou deliberado adiar a compra da má-

quina.

Há na sua carta um trecho, que envolve ou parece envolver uma censura. É o em que diz que ignorava completamente, como até hoje ignora, as atividades revolucionárias dos chefes. É um engano: V. sabe tudo o que há, isto é, que estamos procurando meios e modos de fazer alguma coisa, sem que até agora (isto sim eu não deveria dizer) sem que até agora tenhamos chegado a nada de positivo. É infelizmente tudo quanto há em tal matéria. Mas, ainda quando houvesse alguma coisa mais, não me parece que seria motivo para melindres o ignorar o que não fôsse necessário á orientação no proprio sector. Agora, a melhor prova de que não há é estar eu aqui há quasi dois meses, sem ter podido regressar, como é meu veemente desejo.

Ninguém põe em duvida os sacrificios que tem custado a manutenção da "Frente Unica". Quanto a seu pai, sou de opinião que de maneira nenhuma ele deve continuar a ser sacrificado. Seria um crime, como bem diz. Como primeiro e mais urgente auxilio, combinámos pedir ao dr. Glycerio que lhe entregue um conto de réis. Depois trataremos de regular definitivamente a questão.

Não conheço o numero do jornal da manhã que comenta a minha entrevista. De toda forma agradeço a defesa.

Crendo ter respondido a todos os tópicos de sua carta, mando-lhe um grande abraço, que peço tornar extensivo a todos os bons companheiros da "Frente Unica".